

AS REPRESENTAÇÕES DO DESEJO N'A *COMÉDIA HUMANA*

Elzilaine Domingues Mendes

UFG/RC – Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão (Catalão - GO)

Resumo

Neste trabalho investigamos as representações do desejo n'A *Comédia Humana*. Para Balzac os homens são movidos pelas paixões que podem conduzi-los à felicidade, mas também às patologias e à morte. Iniciamos com fragmentos da história de alguns personagens balzaquianos, classificados pelo autor como melancólicos, ressaltando que a presença do desejo (libido em psicanálise) em conflito com a vida social pode desencadear uma série de patologias, inclusive a melancolia. A tristeza profunda, o abatimento, o desgosto, a perda da autoestima e a falta de interesse pelo mundo exterior, pelas relações objetivas, seriam então formas de expressão da melancolia. Trata-se da perda da libido, de uma perda pulsional. Parece que Balzac aponta, antes de Freud, a importância da realização do desejo para a satisfação pessoal. Um desejo não satisfeito pode tornar-se um sintoma, sinal de fracasso social.

Palavras-chave: desejo, representações, melancolia, Balzac, Freud.

Abstract

The representations of desire in *The Human Comedy*

In this work we investigate the representations of desire in *The Human Comedy* by Honoré de Balzac. According to Balzac, men are driven by passions that can lead them to happiness, but also to pathologies and death. We begin with fragments of the history of some of Balzacian characters, classified by him as melancholic, noting that the presence of desire, the libido in psychoanalysis, in conflict with the social life can trigger a series of pathologies, including melancholy. The deep sadness, the rebate, the heartbreak, the loss of self-esteem and lack of interest in the outside world, the object relations, would then be expressions of melancholy. It is the loss of libido, the loss of sexual desire. Looks like Balzac points, before Freud, to the importance of the fulfillment of the desire for personal satisfaction. An unfulfilled desire can become a symptom, a sign of social failure.

Keywords: desire, representations, melancholy, Balzac, Freud.

Introdução

O que parece intrigar Balzac e impulsioná-lo nesse empreendimento: A *Comédia Humana*¹ é o desejo de compreender o que é o homem e o que o move no cenário social. Segundo Ebguy

(2010), o que move os personagens balzaquianos é a paixão, que pode ser representada de diversas maneiras como, por exemplo, a paixão pelo sexo oposto, a paixão de pai para filho, a paixão pelo conhecimento, a paixão pelo dinheiro, a paixão pelo poder, etc. Essa paixão pode

dominar completamente o indivíduo, causando a sua ruína ou até mesmo a sua destruição. A paixão do pai Goriot (*O pai Goriot*, 1834-1835), por suas filhas, leva-o a abrir mão da sua fortuna para colocá-las na alta sociedade, morrendo desprezado por elas. A paixão pelo conhecimento, que causa a monomania dos personagens: Luís Lambert (*Luís Lambert*, 1832-1833) e Baltasar Claës (*A procura do absoluto*, 1834). A paixão pelo ouro de Gobseck (*Gobseck*, 1830), etc. As paixões desses heróis parecem ser dominadas por uma força estranha, incontrolável e alheia à vontade manifesta do indivíduo. O que faz com que o indivíduo seja completamente dominado por essa paixão.

Os heróis balzaquianos são personagens em luta na sociedade, são portadores de valores que se opõem aos valores sociais. Segundo Davin e Balzac (1835/1976), Balzac coloca as paixões, os interesses e os cálculos em luta contra as instituições, as leis e os costumes da sociedade. Há n'A *Comédia Humana* um conflito do desejo individual com as regras sociais (Ebguy, 2010).

Segundo Barbéris (1973/1999) *A Comédia Humana* é uma epopeia das paixões. Ao se interrogar sobre a natureza das paixões em Balzac este autor afirma que as paixões têm uma significação humana e social. Balzac fala da vontade, seus biógrafos afirmam que ele escreveu

um “*Tratado da vontade*”, que também é um tema do qual se ocupam dois de seus personagens: Rafael de Valentin (*A pele de Onagro*, 1831) e Luís Lambert (*Luís Lambert*, 1832-1833). A paixão em Balzac diz respeito a um modo de vida superior, trata-se de uma intensidade criadora, mas que também pode se tornar uma catástrofe. A paixão é infinitamente diversificada pelo ambiente e pelas relações que o homem estabelece na sociedade, mas é idêntica na essência. As relações sociais sejam elas, amorosas, conjugais, sexuais obedecem aos mesmos princípios. Há algo inato em nós que conduz à procura da felicidade. Essa busca a princípio é cheia de ilusões, especialmente, durante a juventude, quando o homem ainda está mergulhado nas fantasias, ainda não se deparou com a realidade da vida, não foi exposto a grandes sofrimentos.

Baron (2003) inicia seu artigo *L’Homme miroir* com a seguinte questão: Como não falar de psicanálise à propósito de Balzac? Para compreender a frustração primordial causada por uma infância infeliz, ele se entrega, na sua obra, a uma verdadeira autoanálise e presente quase todos os conceitos da psicanálise. No decorrer do seu trabalho, Baron afirma que é difícil não fazermos a comparação entre as intuições balzaquianas e as teorias freudianas.

De acordo com Barbéris (1973/1999) e Ebguy (2010) o que impulsiona o homem n'A *Comédia Humana* são as paixões, a vontade. Inspirados na ideia de que A *Comédia Humana* consiste numa narrativa da história dos desejos e dos seus destinos, nos propomos, neste trabalho a analisar as representações do desejo na literatura balzaquiana. Investigamos o que move o homem n'A *Comédia Humana*, o sentido das paixões em Balzac. Associamos as paixões, a vontade descritas nos romances balzaquianos ao desejo (libidoⁱⁱ) em psicanálise, compreendendo que a não realização do desejo pode levar ao sofrimento. Em Freud a ideia do desejo é empregada no contexto de uma teoria do inconsciente, para designar a propensão e a realização dessa propensão. Nesse sentido, o desejo é a realização de um anseio ou voto inconsciente (Roudinesco & Plon, 1998).

Hourdin (1950) afirma que tanto Balzac como todos os escritores que o precederam são pintores dos desejos e das paixões humanas. E para Balzac as leis sociais são insuficientes para reprimir os instintos e as paixões. Os homens são, portanto, dominados pelas paixões individuais.

De acordo com Rónai (1990) Balzac via além das aparências. Foi um observador perspicaz, capaz de retratar os

desejos e sentimentos mais ocultos das suas personagens. Em Balzac podemos ver os conflitos suscitados pela ambiguidade expressa no carácter dos seus personagens. Rónai (1990) pontua:

Com ele, em suma, fazemos um completo aprendizado da vida, descobrindo os conflitos ocultos no seio das famílias, a fragilidade dos amigos e as suas traições, o êxito dos bajuladores e dos hipócritas, a preterição dos bons, a insensibilidade dos ricos, o ódio e a inveja dos pobres, as rivalidades mesquinhas e a inércia irritante das repartições, as vinganças terríveis de sensibilidades feridas. Vemos em ação as mil formas do amor (um dos seus grandes temas), assumindo às vezes feições romanticamente angelicais, porém mais frequentemente agindo como paixão devastadora que transtorna a existência de suas vítimas (Rónai, 1990, p. 149).

Tanto para Hourdin (1950) quanto para Rónai (1990) em Balzac o homem parece ser dominado por forças estranhas a ele mesmo. O homem possui sentimentos ambíguos, é surpreendido por atitudes que não sabe explicar. Balzac denuncia a presença de algo estranho no homem. Luísa, personagem de *Memórias de duas jovens esposas* (1841-1842) escreve à

amiga Renata: “Desisto de te descrever meus sofrimentos. Havia em mim um outro eu, que eu ignorava” (Balzac, 1841-1842, p. 363). Essa fala de Balzac por meio da personagem Luísa nos remete ao conceito de inconsciente em Freud (1915/2006). Esse outro eu, essa força estranha, Freud (1915/2006) denominou inconsciente. Constatamos que tanto em Balzac como para Freud, o homem não é senhor em sua própria casa.

No *Prefácio de Balzac à Comédia Humana*, Balzac (1842a) expõe o que vem a ser o conjunto da sua obra. Ele se interroga sobre a diferença do homem com os outros animais. Fala da importância da inteligência, explica que esta é a responsável pela complexidade do humano. No entanto, ele destaca a importância dos instintos e das paixões como impulsos que movem os homens e os fazem ultrapassarem as regras sociais. Balzac parece acreditar que para viver em sociedade é necessário que o homem abra mão da realização de alguns dos seus desejos pessoais. Que a religião e o governo colaboram para reprimir os desejos, ou pelo menos para reger o que ele acredita serem alguns desejos, tendências ‘depravadas’ do homem, tornando possível a vida em sociedade.

Courtois (2003) explica que para Balzac a sociedade se assemelha à natureza, no entanto, a organização da

sociedade é mais complexa do que a da natureza. Existem dois fatores que diferenciam os homens dos animais, a diferença dos sexos e a inteligência. As variações sociais são em decorrência do transbordamento dos traços de animalidade no homem, mas também da representação pelo homem de suas leis e costumes. Para Grange (2008) podemos dizer que não há nada de natural em nós, a sociedade forma nossos corpos, nossos gostos, nossas escolhas, nossos hábitos, nossos pensamentos. O corpo é aparência, lugar de representação. A vida, a morte e a sensualidade estão precisamente circunscritas. A sexualidade n'A *Comédia Humana* não é uma força isolada, é uma força indefinida e ligada a outras formas de possessão, como o poder e o dinheiro. Deste modo, a subjetividade é construída no decorrer das experiências que o homem mantém na sociedade.

Segundo Frappier-Mazur e Roulin (2001) Balzac tem mostrado que o homem é uma máquina a desejar. A análise balzaquiana coloca seu olhar menos sobre um objeto congelado do que sobre uma mecânica, na qual se trata de desvendar as forças motoras e as leis que regem as tragédias. Em Balzac temos a ideia da erótica como dinâmica geral do desejo, ou dos desejos. A autora compreende a sexualidade no sentido amplo, freudiano, como a razão da multiplicidade do agir

humano. O desejo é definido como uma vontade, manifestação da vida no que ela tem de mais intenso, como forma de autodestruição. Sua potência genérica se situa no coração do ato de escritura, o desejo de engendrar, criar um mundo. Passando do gesto criador aos destinos dos personagens ficcionais, a erótica encontra a sua primeira manifestação na sexualidade, força motora original e fonte de desordem.

O sentido do desejo em Balzac

No decorrer d'A *Comédia Humana*, vários personagens terão um fim trágico, associado à tristeza profunda, ao desgosto, à melancolia. Podemos citar a história de uma das personagens mais virtuosas d'A *Comédia Humana*: a condessa Henriqueta de Mortsauf (*O lírio do vale*, 1835). Henriqueta é uma mulher casada, fiel aos princípios religiosos do cristianismo. Infeliz no casamento, Henriqueta conhece as dores da maternidade sem usufruir dos seus prazeres, pois seus dois filhos são frágeis, o que lhe exige uma dedicação constante. Apesar de não se sentir feliz no casamento, Henriqueta é uma mulher dinâmica, cheia de vida. Mesmo estando ao lado de um marido doente, ela consegue administrar os bens da família, fazendo-os prosperar. Ao se deparar com o verdadeiro amor, ela o reprime. Esse desejo

incontrolável acaba arruinando a vida de Henriqueta, que segundo o diagnóstico dos médicos morre de desgosto. Parece que a impossibilidade de Henriqueta realizar seus desejos amorosos leva-a uma tristeza profunda. Desiludida em relação à vida, a condessa começa a recusar qualquer tipo de alimento, perde o prazer de viver. De acordo com o Dr. Origet a condessa está morrendo de uma morte horrível, está morrendo de inanição. A Senhora de Mortsauf morre de desgosto, de algum pesar desconhecido. Essas são as palavras do Dr. Origet:

O que ela tem é o resultado incurável dum desgosto, como um ferimento mortal é a consequência de uma punhalada. Essa afecção é produzida pela inércia de um órgão cuja função é tão necessária à vida como a do coração. O desgosto fez às vezes do punhal. Não se iluda! A Sra. de Mortsauf está morrendo por um pesar desconhecido (Balzac, 1835/1992, p. 422).

Henriqueta “está morrendo por um pesar desconhecido” (Balzac, 1835/1992, p. 422). Aqui, o narrador parece deixar claro que ninguém sabe o que realmente está acontecendo com Henriqueta. O Dr. Origet explica que a Sra. de Mortsauf morre de inanição, que o seu estômago,

rejeita todo tipo de alimento, como se estivesse fechado. Henriqueta recusa alimentar-se, o que parece ser um sintoma, de um conflito ou pesar desconhecido. Por que Henriqueta não consegue ou se recusa a alimentar-se? O que será que fez com que Henriqueta perdesse o gosto, ou o prazer, pela vida? Os médicos afirmam que ela está morrendo de desgosto, de um pesar desconhecido. Por meio do narrador, o personagem Félix de Vandenesse, Balzac deixa clara a sua compreensão da importância que o desgosto, o pesar, a tristeza profunda apesar de receber outras denominações como gastrite, pericardite, etc.; adquire na vida das pessoas e a cumplicidade da sociedade, ao encontrar explicações que acabam de alguma forma colaborando para ocultar o verdadeiro mal. Félix afirma:

A sociedade e a ciência são cúmplices desses crimes para os quais não há tribunais. Parece que ninguém morre de desgosto, nem de desespero, nem de amor, nem de misérias escondidas, nem de esperanças cultivadas sem produzir frutos, incessantemente transplantadas e desarraigadas. A nomenclatura nova possui nomes engenhosos para explicar tudo: a gastrite, a pericardite, as mil doenças de senhoras cujos nomes se pronunciam ao ouvido servem de passaporte aos féretros escoltados por

lágrimas hipócritas que a mão do tabelião rapidamente enxuga (Balzac, 1935/1992, p. 423).

Balzac parece deixar claro que os problemas emocionais, os sentimentos, ou ainda, a não satisfação dos desejos, podem desencadear uma série de patologias, como por exemplo, as histerias, as somatizações, a melancolia, etc. Ao aconselhar-nos, por meio de um médico que: “Procuremos a causa nas entranhas da alma e não nas entranhas do corpo!” (Balzac, 1831/1992, p. 215), Balzac parece compreender que o corpo é lugar de representação, ou de manifestação de conflitos, de insatisfações. Ao narrar a história de seu trágico amor à Natália de Manerville, Félix de Vandenesse também relembra a história de várias mulheres cujo sofrimento parece ser representado pela tristeza, pelo desgosto, pela desilusão amorosa, pelo ciúme, pelo sentimento de abandono, pela perda ou pela possibilidade da perda do objeto de amor. Felix de Vandenesse explica:

Vi várias dessas vítimas, que conheceste tão bem quanto eu: a Sra. de Beauséant, seguindo moribunda para a Normandia, alguns dias antes da minha partida! A Duquesa de Langeais comprometida! Lady Brandon chegando à Touraine para lá morrer naquela humilde casa onde Lady Dudley permaneceu durante

duas semanas, e morta em que horríveis condições, como sabes! Nossa época é fértil em acontecimentos desse gênero. Quem não conheceu aquela pobre mulher que se envenenou, vencida pelo ciúme, que talvez fosse o que estava matando a Sra. de Mortsauf? (...). A Sra. d'Aiglemont não viu, acaso, o túmulo bem de perto e, sem os cuidados de meu irmão, estaria viva ainda? (Balzac, 1835, pp. 422-423).

Nos *Estudos de Costumes no Século XIX* de Félix Davin e Honoré de Balzac (1835/2007), encontramos uma explicação das causas dos conflitos amorosos. Davin e Balzac explicam:

Os infortúnios nascem do antagonismo desconhecido que as leis sociais produzem entre os mais naturais desejos e os mais imperativos anseios de nossos instintos em todo o seu vigor – o desgosto tem por princípio o primeiro e mais desculpável de nossos erros (Davin & Balzac, 1835/2007, p. 20).

Por um lado, nesse contexto fica explícita a concepção de Balzac de que a insatisfação, a infelicidade e, conseqüentemente, o sofrimento humano têm como causa a discrepância entre as pulsões e as leis sociais, que têm por objetivo permitir nossa convivência social. Balzac ao falar sobre as várias mortes por

tristeza, desgosto deixa-nos explícito que são mortes em função de uma desilusão amorosa, de conflitos surgidos entre o desejo erótico e as convenções sociais. Encontramos outros nomes para os adoecimentos causados pela infelicidade ou frustração amorosa, mas no fundo sabemos que essas outras nomenclaturas também acabam funcionando como uma fuga, ou até mesmo como uma negação em função da dificuldade da pessoa que está sofrendo de nomear seus conflitos, e mais ainda, da dificuldade que ela encontra para realizar os seus desejos, que na maior parte das vezes, são reprimidos porque não são aceitos socialmente.

Essas nomenclaturas, essas patologias como a gastrite, a pericardite são outras formas de camuflar os conflitos e os desejos. São sofrimentos que encontram uma aceitação maior na sociedade, encontrando inclusive uma compreensão religiosa. Então o corpo reprimido acaba encontrando outro caminho para buscar a satisfação, às vezes, esses outros caminhos acabam sendo um tanto mais árduos e, na maioria das vezes, insuportáveis, culminando em sintomas que levam rapidamente ao encontro com as patologias, ou até mesmo, com a morte.

Por outro lado, ao falar da felicidade Balzac associa-a à realização do desejo. Um dos grandes temas d'*A Comédia Humana* é o amor. Em Balzac

uma das maneiras que seus personagens experimentam de procurar a felicidade é por meio do amor, buscando amarem e serem amadas. Nessa tentativa, encontramos n'A *Comédia Humana* os mais variados desfechos e também as mais diversas consequências. Balzac escreveu várias histórias nas quais o amor determina a vida de seus personagens, podendo levá-los inclusive para a morte, no caso de sofrerem uma decepção amorosa.

No decorrer d'A *Comédia Humana*, Balzac ao narrar a vida dos apaixonados nos traz alguns exemplos nos quais as pessoas que se amam passam a morar juntas, porém se isolando da sociedade e encontrando nessa situação momentos de extrema felicidade. Como exemplo, temos a vida de Ester e Luciano em *Esplendores e misérias das cortesãs* (1839-1847) na qual Ester é condenada a ficar reclusa numa casa como amante de Luciano, para que ele pudesse conquistar os seus objetivos de se casar com uma mulher nobre e triunfar na sociedade francesa na qual outrora fracassara. No “Capítulo aborrecido porque explica quatro anos de felicidade” o narrador descreve a alegria de Ester e Luciano:

Foi a felicidade na sua forma mais bela, um poema, uma sinfonia de quatro anos! Todas as mulheres dirão: É muito! Nem Luciano nem Ester tinham dito: “É

demais!” Enfim a fórmula “Foram felizes” foi para eles ainda mais explícita que nos contos de fadas, porque não tiveram filhos. Assim, Luciano podia galantear na alta sociedade, entregar-se aos seus caprichos de poeta e, digamos o termo, às necessidades da sua posição (Balzac, 1839-1847/1990, pp. 84-85).

De acordo com o narrador (1839-1847) foram esses os melhores momentos da vida de Ester e Luciano.

Em *Memórias de duas jovens esposas* (1841-1842), Luísa de Chaulieu contrata um arquiteto para construir um castelo isolado de Paris, para viver após o seu casamento secreto com o seu segundo marido, Maria Gastão. O casal também usufruirá de uma grande felicidade por um longo tempo.

Temos ainda em *A mulher abandonada* (1832) uma narrativa na qual após ser abandonada pelo seu primeiro amante, o aristocrata português d'Ajuda Pinto, a Viscondessa Clara de Beauséant, se sentindo condenada pela sociedade, por desrespeitar as regras morais, encontra alívio junto ao Sr. Barão Gastão de Nueil. O narrador explica:

A senhora de Beauséant e o Sr. de Nueil permaneceram durante três anos na vila situada à beira do lago de Genebra e que

a viscondessa alugara. Ali ficaram sozinhos, sem ver ninguém, sem dar que falar de si, passeando de bote, levantando-se tarde, felizes, enfim, como todos nós sonhamos ser (Balzac, 1832/1989. p. 86).

Apesar da diferença de idade existente entre eles e dos preconceitos sociais e familiares que tiveram que enfrentar, o casal permaneceu por um longo tempo isolado e feliz, como se bastassem a si mesmos:

Ali os dois amantes ergueram entre eles e o mundo barreiras que nem as ideias sociais nem as pessoas podiam transpor, e tornaram a encontrar os felizes dias da Suíça. Durante nove anos a fio gozaram de uma felicidade que é difícil descrever (Balzac, 1832/1989, p. 86).

Para Balzac parece que o amor correspondido é sinônimo de felicidade, de realização de desejo, pois nas suas narrativas ser amado e possuir o objeto de amor são fundamentais para uma vida amorosa feliz. No entanto, qualquer ameaça à união de seres que se amam pode adoecê-los e conseqüentemente, arruiná-los.

Para Hourdin (1950) o amor n'A *Comédia Humana* é um mal do qual ninguém escapa. Os escritores dos séculos XVII e XVIII já tinham falado do amor, no

entanto, Balzac é o primeiro a analisar todas as suas manifestações e até mesmo todos os seus desvios. O amor leva as personagens balzaquianas a cometerem as mais variadas loucuras. As pessoas mais sensatas ao serem atingidas pelo amor perdem o controle dos seus atos. Quando Eugênia é despertada pelo amor ao primo Carlos, ela que até então era uma moça submissa, torna-se rebelde e enfrenta o pai. O amor transforma a vida de Eugênia, ela passa a desejar ser bela, quer seduzir o primo (*Eugênia Grandet*, 1833).

Outro caso interessante é o amor do Barão de Nucingen por Ester, pois o capitalista que até aquele momento só se preocupava em aumentar os seus lucros, que não jogava e não tinha qualquer outra fantasia, entrega-se à sua paixão, chegando a exceder nos gastos para ficar ao lado da sua amada (*Esplendores e misérias das cortesãs*, 1839-1847). O Barão de Nucingen deixou-se levar como uma criança:

Teria entregado até a chave do seu cofre! Sentia-se moço, com o coração cheio de adorações [...]. Esse desabrochar súbito da infância no coração de um agiota, de um velho, é desses fenômenos sociais que a fisiologia pode explicar mui facilmente. Comprimida sob o peso dos negócios, abafada por cálculos contínuos, pelas

preocupações perpétuas da caça aos milhões, a adolescência com as suas sublimes ilusões torna a aparecer, desenvolve-se, floresce, como uma causa, como uma semente esquecida, cujos efeitos, cujas esplêndidas florescências obedecem ao acaso, a um sol que rebenta, que brilha tardiamente (Balzac, 1839-1847/1990, p. 163).

De acordo com os doutores, Bianchon e Desplein, o caso do barão é de amor. O doutor Desplein chega a acrescentar que uma paixão na idade do barão pode ser muito perigosa. Depois de procurar pela desconhecida durante oito dias o barão perde o apetite e adocece. O narrador explica:

Mas ao cabo de seis meses, tomado de uma febre de impaciência, e vítima de um estado semelhante ao que dá a nostalgia, o barão, surpreendido com a impotência do dinheiro, emagreceu e mostrou-se tão profundamente acabado que Delfina secretamente teve esperança de enviuar (Balzac, 1839-1847/1990, p. 88).

Nesse caso, ficam explícitos os perigos aos quais podem levar uma paixão tardia ou um desejo insatisfeito, reprimido. O Barão de Nucingen ao ver-se apaixonado pela primeira vez na vida, aos sessenta anos de idade, entristece, adocece,

perde o apetite, perde o controle dos seus sentimentos, da sua vida. Ele que até então só pensava em acumular dinheiro, passa a fazer uso de imensas quantias para conquistar Ester. Nessa história, o barão só recupera a saúde e a felicidade ao encontrar a sua amada.

Outro exemplo é o caso da Condessa Leontina de Sérisy, que já estava com quarenta e dois anos, quando se apaixona pela primeira vez por Luciano Chardon. Esse amor quase a leva à loucura e morte. O narrador explica:

Ora, aos quarenta e dois anos, essa mulher, para quem os homens até então haviam sido uns brinquedos agradáveis e a quem – caro estranho! – tinha concedido muita coisa não vendo no amor senão sacrifícios a fazer para os dominar, sentia ao ver Luciano um amor semelhante ao do Barão de Nucingen por Ester. Amava então, como Ásia acabava de lhe dizer, pela primeira vez na vida (Balzac, 1839-1847/1990, p. 319).

Leontina estava tão apaixonada por Luciano Chardon de Rubempré que ao tomar conhecimento da sua prisão, implora ao marido que o tire de lá, prometendo ser-lhe fiel e dedicada para o resto da sua vida. Leontina não mede esforços para restituir a liberdade do seu amado. No entanto, ao se

deparar com o cadáver do amante na prisão ela perde a razão e quase morre. O narrador afirma:

A condessa ia quase morrendo; seu marido a pusera ele mesmo na cama, receando as revelações do delírio; e nas últimas vinte e quatro horas ela vivia com um punhal no coração. No auge da febre dizia ao marido: “Salva Luciano, que eu doravante só para ti viverei” (Balzac, 1839-1847/1990, p. 320).

Leontina não suporta a cena trágica do enforcamento de Luciano, ela enlouquece. Parece que a condessa ao perder o seu objeto de amor, perde uma parte de si mesma, abre-se no seu interior uma ferida narcísica, de forma que a sua vida torna-se insustentável. Temos aqui outro destino da perda amorosa: a loucura. O Conde de Sérisy, por amar a sua mulher e na esperança de restituir-lhe a razão, contrata os mais renomados médicos de Paris. Não obtendo sucesso nesse empreendimento, o conde, desesperado, usa de sua influência pessoal e negocia a liberdade de Jacques Collin. Então o padre, Carlos Herrera/Jacques Collin, promete contribuir com a recuperação da condessa de Sérisy e, para evitar maiores escândalos, recuperar e devolver as comprometedoras cartas de amor escritas ao poeta Luciano pelas mulheres das famílias nobres como: a

Srta. Clotilde de Grandlieu, a Marquesa Diana de Maufrigneuse e a Condessa Leontina de Sérisy.

A condessa só recupera a saúde após uma conferência com o suposto padre, Carlos Herrera, que ela acreditava ser um representante de Deus na terra, na qual, ele afirmava-lhe, com todas as letras, que Luciano morreu com uma doce lembrança da condessa e que ele a amava com exclusividade. Na verdade, o falso padre era um grande conhecedor da natureza humana, um verdadeiro médico, pois ao assegurar a condessa que ela foi verdadeiramente amada por Luciano, ele restitui-lhe a saúde, salvando-a da loucura e também da morte.

Ainda de acordo com Balzac (*Prefácio*, 1842) a sociedade apesar de possuir instituições repressoras, como o estado e a religião, não consegue reprimir completamente as paixões e os instintos humanos. Uma paixão reprimida pode causar as mais variadas patologias. Balzac associa a melancolia, o desgosto, a tristeza e abatimento profundos à desilusão amorosa. A tristeza surge da discrepância entre os desejos e sua impossibilidade de realização. Desse modo, o que causa a infelicidade é a vivência pelo personagem de um conflito, que ele não consegue nomear e do qual ele não consegue se desembaraçar. Nesse caso, o indivíduo torna-se fragilizado, perde a graça e o

gosto pela vida. Fica imobilizado, sem ação, deixando de cuidar de si.

O desejo em Freud

Esses escritos balzaquianos sobre a tristeza, o desgosto, a melancolia associados ao sofrimento nos remetem às análises presentes no texto freudiano: *O mal-estar na civilização* (1929[1930] /1996). Nesse texto, Freud explica que o homem pode buscar a felicidade de várias formas, dentre elas se destacam: a busca pela religiosidade, que para algumas pessoas é capaz de proporcionar uma sensação de “sentimento oceânico”; a procura por substâncias químicas, que nos proporcionam um prazer intenso e a fuga da realidade; e o relacionamento afetivo.

Para Freud (1929[1930] /1996) a descoberta feita pelo homem de que o amor sexual (genital) lhe proporciona as mais intensas experiências de satisfação deve ter-lhe sugerido que continuasse a buscar a felicidade nesse tipo de satisfação. Deste modo, o homem busca a felicidade no contato com o objeto sexual de sua escolha. Isso o torna extremamente dependente de seu objeto de amor, expondo-o aos riscos de um intenso sofrimento, caso fosse rejeitado por esse objeto amoroso ou o perdesse por infidelidade ou morte. Freud afirma:

“Quando um relacionamento amoroso se encontra em seu auge, não resta lugar para qualquer outro interesse pelo ambiente; um casal de amantes se basta a si mesmo” (p. 113). No entanto, quando ocorre a perda do objeto de amor ou mesmo a suspeita da possibilidade dessa perda, podemos nos deparar com uma tristeza profunda associada a um desinvestimento no eu, a melancolia.

Ao discorrer sobre o desconforto do homem na civilização, Freud (1929[1930] /1996) explica que há um antagonismo irremediável entre as exigências do instinto e as restrições da civilização. A civilização é construída sobre uma renúncia ao instinto. Freud diz que o propósito e a intenção de nossas vidas é a busca da felicidade, no entanto, ele questiona porque é tão difícil para o homem ser feliz. Conclui que o nosso sofrimento provém de três fontes:

[...] o poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação das regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade. [...]. Nunca dominaremos completamente a natureza, e o nosso organismo corporal, ele mesmo parte dessa natureza, permanecerá sempre como uma estrutura passageira, com limitada capacidade de adaptação e

realização (Freud, 1929[1930] /1996, p. 93).

Ainda de acordo com Freud (1929[1930] /1996) a vida é árdua demais para nós e para suportá-la existem três medidas paliativas: “derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça; satisfações substitutivas, que a diminuem; e substâncias tóxicas que nos tornam insensíveis a ela” (p. 83). Além disso, o homem possui uma inclinação para a agressividade. Freud (1929[1930] /1996) afirma:

Daí, portanto, o emprego de métodos destinados a incitar as pessoas a identificações e relacionamentos amorosos inibidos em sua finalidade, daí a restrição à vida sexual e daí, também, o mandamento ideal de amar ao próximo como a si mesmo, mandamento que é realmente justificado pelo fato de nada ir tão fortemente contra a natureza original do homem (p. 117).

A civilização impõe grandes sacrifícios à sexualidade do homem. É por isso que é tão difícil ser feliz na civilização. “O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (Freud, 1929[1930] /1996, p. 119). A agressividade é uma disposição instintiva

original e é o maior impedimento à civilização. Daí a necessidade de dominarmos os nossos instintos para podermos conviver em sociedade. Para Freud (1929[1930] /1996) a civilização é:

[...] um processo a serviço de Eros, cujo propósito é combinar indivíduos humanos isolados, depois famílias e, depois ainda, raças, povos e nações numa única grande unidade, a unidade da humanidade [...]. Mas o natural instinto agressivo do homem, a hostilidade de cada um contra todos e a de todos contra cada um, se opõe a esse programa da civilização. Esse instinto agressivo é o derivado e o principal representante do instinto de morte, que descobrimos lado a lado de Eros e que com este divide o domínio do mundo (p. 125-126).

A civilização para Freud representa a luta entre as pulsões de vida e de morte, e nesta luta consiste a evolução da civilização. Balzac nos seus escritos retrata esse antagonismo presente nas relações humanas. Ele descreve a luta do homem consigo mesmo em função da presença dos desejos inconscientes, o homem sofre por ter desejos ocultos, por entrar em conflito consigo mesmo e com a sociedade.

Freud parece concordar com Balzac, quando ele diz, por meio do seu

porta-voz, Davin (1835/1976), que a infelicidade vem dos conflitos entre as imposições sociais e os nossos mais secretos desejos. Além disso, podemos afirmar que tanto para Balzac, quanto para Freud uma das formas de se buscar a felicidade é o encontro amoroso, no entanto, para ambos a desilusão amorosa também é causa de intensos sofrimentos podendo culminar nas mais diversas patologias, como a melancolia, as doenças psicossomáticas, a autodestruição e, em alguns casos, na morte.

Encontramos na narrativa balzaquiana vestígios ou indícios que alguns anos mais tarde darão origem a teoria psicanalítica. Balzac representa na sua '*Comédia*' a tristeza, o pesar, o desgosto, as doenças psicossomáticas, a melancolia como expressão de sofrimento. Os sentimentos, as impressões que o indivíduo tem no decorrer da sua vida, bem como as relações que ele estabelece na sociedade, podem influenciar no desenvolvimento de várias patologias. Balzac representa a doença de forma dinâmica, dependendo das circunstâncias e da história do indivíduo e da sociedade na qual ele vive. Em Balzac as patologias estão associadas à não realização dos desejos. No entanto, os desejos devem ser controlados, o excesso de desejo ou a sua ausência são sinais de patologias.

Os heróis de Balzac são seres de desejo, representam um conflito, no qual o herói recusa os limites que a sociedade impõe às suas satisfações. Parece que Balzac aponta, antes de Freud, a importância da realização do desejo para a satisfação pessoal. Um desejo não satisfeito pode tornar-se um sintoma, sinal de fracasso social. Dessa forma, podemos inferir que uma das causas da melancolia é a não realização dos desejos, o que pode ter como consequência a perda das ilusões.

Considerações Finais

Na tentativa de compreender o ser humano, Balzac questiona o que é o homem e o que o move na sociedade. Balzac constata a existência das paixões, do querer viver, mas ao mesmo tempo a paixão é causa de desordem. A paixão é uma força viva sem a qual nem o homem nem a sociedade não são nada. Mas a paixão longe de criar a vida a destrói. A paixão mata como mata a ausência da paixão. Ela é ao mesmo tempo necessidade e fatalidade. O universo balzaquiano das paixões se define como um universo da fatalidade, no qual tudo o que se ganha de um lado, se perde de outro.

Ao descrever as relações que os seus personagens desenvolvem n'A *Comédia Humana*, Balzac representa o

homem como um ser desejante. O homem possui desejos de se destacar na sociedade, de construir uma imagem social, de construir uma família, de construir um império, etc. Na sua '*Comédia*', Balzac faz uma análise histórica e social dos representantes do desejo, dos jogos de poder e de sedução. No universo social d'*A Comédia Humana* os desejos dos personagens são atravessados, moldados e confrontados pelas exigências e pela dinâmica da vida em sociedade.

Assim, para Balzac, entregar-se ingenuamente nas relações com o outro é um erro fundado na ilusão de que as relações humanas são partilhadas. A pior loucura é imaginar que podemos refazer o mundo, de maneira durável e verdadeira, a partir de um amor, de uma história de vida privilegiada. Quem imagina ser feliz sendo natural, se expõe aos piores desastres. É preciso recusar viver intensamente, desejar, ou pelo menos recusar a imagem ingênua que fazemos da vida. Para conquistar um mínimo de felicidade para aqueles que nos cercam, é necessário controlar os prazeres, as paixões, os desejos.

Balzac constrói uma realidade social por meio da ficção. Com o desejo de tudo saber, de tudo explicar, narrando a história da França por meio de romances e novelas, Balzac questiona o que é homem e qual o papel da sociedade na sua

formação. Ele explica que o homem possui desejos, dentre os quais se destacam os desejos sexuais e o desejo de poder, de dominação. Afirma que o homem difere dos outros animais e que para viver em harmonia na sociedade são necessárias algumas regras para regular os seus desejos e amenizar as desigualdades sociais. Desse modo, o governo e a religião são fundamentais para manter a ordem social. Funcionam como meios de repressão, ora para impedir que os mais fracos sejam completamente dominados pelos mais fortes, ora para estimular o conformismo em relação às desigualdades sociais, como é o caso da religião. Em Balzac, a forma como a sociedade está organizada, as relações que os indivíduos estabelecem com os outros, o lugar que ele ocupa dentro da sociedade, interfere na sua subjetividade.

Além disso, tanto para Balzac quanto para Freud, o sofrimento é compreendido como uma forma de subjetivação relacionada ao contexto histórico e social. O sofrimento psíquico denuncia a ambivalência dos sentimentos, a dificuldade de conciliar os desejos individuais com as regras sociais. Para Balzac a tristeza profunda, o desgosto é o representante desse conflito, sintoma que presentifica a renúncia e marca a insatisfação do desejo. Em Balzac, a tristeza profunda, o pesar, o desgosto é

compreendido como formas de expressar um grande sofrimento, uma decepção, uma mágoa, a perda ou a possibilidade da perda do objeto de amor, ou de um ideal. Balzac associa a infelicidade, a tristeza profunda, o desgosto à não realização do desejo.

A psicanálise, ao teorizar sobre o inconsciente, destituiu o homem de seu poder de controle do mundo e de si mesmo. A invenção do inconsciente nos dispensa do tutorado divino, nos convidando a reconhecer os nossos limites, como a finitude, a morte. Balzac, n'A *Comédia Humana*, narra a história do desencantamento do mundo. Os heróis balzaquianos são mais próximos do homem moderno, do homem que perdeu as ilusões, tornando-se portador de um mal-estar melancólico.

A literatura e a psicanálise nos revelam que a crença na liberdade dos

homens, um dos elementos básicos da democracia e da sociedade de consumo é uma ilusão. Tanto em Balzac quanto em Freud, o homem é convidado a lidar com o seu desamparo, com a sua solidão, com o seu desejo, a se responsabilizar por suas escolhas. Ao afirmar a supremacia do inconsciente, Freud cria uma ferida narcísica na humanidade, a razão perde o poder. Balzac descreve um mundo desencantado, abandonado por Deus, desiludido, desprovido da proteção divina. O herói balzaquiano é destituído dos poderes divinos, ele se faz por conta própria, por sua genialidade. Entramos na era do mito da individualidade. No entanto, Balzac nos revela ainda a fragilidade do indivíduo. Para sobreviver na sociedade o indivíduo deve renunciar aos seus desejos particulares.

Referências

- Balzac, H. (1830). Gobseck. (1989). Em Balzac, H. (1989-1994). *A Comédia Humana*. Orientação, introduções e notas de Paulo Rónai. Tradução de Vidal de Oliveira. (Vol. III, 3 ed.). São Paulo: Globo.
- Balzac, H. (1831). A pele de Onagro. Em Balzac, H. (1989-1994). *A Comédia Humana*. Orientação, introduções e notas de Paulo Rónai. Tradução de Vidal de Oliveira. (Vol. XV, 3 ed.). São Paulo: Globo.
- Balzac, H. (1832). A mulher abandonada. Em Balzac, H. (1989-1994). *A Comédia Humana*. Orientação, introduções e notas de Paulo Rónai. Tradução de Vidal de Oliveira. (Vol. III, 3 ed.). São Paulo: Globo.

- Balzac, H. (1832-1833). Luís Lambert. Em Balzac, H. (1989-1994). *A Comédia Humana*. Orientação, introduções e notas de Paulo Rónai. Tradução de Vidal de Oliveira. (Vol. XVII, 3 ed.). São Paulo: Globo.
- Balzac, H. (1833). Eugénie Grandet. Em Balzac, H. (1976-1981). *La Comédie humaine*. Édition publiée sous la direction de Pierre-Georges Castex. Tome III. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade.
- Balzac, H. (1834). A procura do absoluto. Em Balzac, H. (1989-1994). *A Comédia Humana*. Orientação, introduções e notas de Paulo Rónai. Tradução de Vidal de Oliveira. (Vol. XV, 3 ed.). São Paulo: Globo.
- Balzac, H. (1834-1835). O pai Goriot. Em Balzac, H. (1989-1994). *A Comédia Humana*. Orientação, introduções e notas de Paulo Rónai. Tradução de Vidal de Oliveira. (Vol. IV, 3 ed.). São Paulo: Globo.
- Balzac, H. (1835). O lírio do vale. Em Balzac, H. (1989-1994). *A Comédia Humana*. Orientação, introduções e notas de Paulo Rónai. Tradução de Vidal de Oliveira. (Vol. XIV, 3 ed.). São Paulo: Globo.
- Balzac, H. (1837-1839-1843). Ilusões perdidas. Em Balzac, H. (1989-1994). *A Comédia Humana*. Orientação, introduções e notas de Paulo Rónai. Tradução de Vidal de Oliveira. (Vol. VII, 3 ed.). São Paulo: Globo.
- Balzac, H. (1839-1847). Esplendores e misérias das cortesãs. Em Balzac, H. (1989-1994). *A Comédia Humana*. Orientação, introduções e notas de Paulo Rónai. Tradução de Vidal de Oliveira. (Vol. IX, 3 ed.). São Paulo: Globo.
- Balzac, H. (1841-1842). Memórias de duas jovens esposas. Em Balzac, H. (1989-1994). *A Comédia Humana*. Orientação, introduções e notas de Paulo Rónai. Tradução de Vidal de Oliveira. (Vol. I, 3 ed.). São Paulo: Globo.
- Balzac, H. (1842a). Avant-propos de « *La Comédie humaine* ». Em Balzac, H. (1976-1981). *La Comédie humaine*. Édition publiée sous la direction de Pierre-Georges Castex. Tome I. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade.
- Balzac, H. (1842b). Prefácio de Balzac à *Comédia Humana*. Em Balzac, H. (1989-1994). *A Comédia Humana*. Orientação, introduções e notas de Paulo Rónai. Tradução de Vidal de Oliveira. (Vol. XVII, 3 ed.). São Paulo: Globo.

- Barbérís, P. (1973/1999). *Le monde de Balzac*. Post-face 2000. Paris: Editions Kimé.
- Baron, A.-M. (2003). L'Homme miroir. Em Diaz, J.-L. & Tournier, I. (2003). *Penser avec Balzac*. Saint-Cyr-sur-Loire : Christian Pirot.
- Courtois, J.-P. (2003). Balzac et les Lumières. Em Diaz, J.-L. & Tournier, I. (2003). *Penser avec Balzac*. Saint-Cyr-sur-Loire: Christian Pirot.
- Davin, F. & Balzac, H. (1835/2007). *Estudos de costumes no século XIX*. Organização, tradução, estudo introdutório e notas de Terezinha de Camargo Viana. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Ebguy, J.-D. (2010). *Les héros Balzaciens: Balzac et la question de l'héroïsme*. France: Christian Pirot.
- Frappier-Mazur, L. & Roulin, J.-M. (2001). *L'Érotique balzacienne*. Paris: Sedes.
- Freud, S. (1996). O Mal-estar na Civilização. Em *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad.). (Vol. XXI, pp. 65-148). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1930[1929]).
- Freud, S. (2006). O inconsciente. Em *Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. (L. A. Hanns, Trad.). (Vol. 2, pp. 13-74). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915).
- Grange, J. (2008). *Balzac, l'argent, la prose, les anges*. Belval: Circé Poche.
- Hanns, L. A. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Hourdin, G. (1950). *Balzac Romancier des Passions*. Parris, Temps Present.
- Laplanche, J.; Pontalis, J.-B. (1988). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rónai, P. (1990). Balzac e Nós. Em Rónai, P. (1990). *Pois é: ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Rónai, P. (1990). Balzac e Nós. Em Rónai, P. (1990). *Pois é: ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Roudinesco, E. & Plon, P. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Notas de Rodapé

ⁱ A *Comédia Humana*, de Honoré de Balzac (1799-1850) é uma história fictícia das relações entre os homens na França. Trata-se de uma obra dinâmica e inacabada. É um conjunto de mais de oitenta romances, articulados e organizados pelo retorno dos personagens, nos quais mais de dois mil personagens têm uma vida social na qual se encontram, falam da vida alheia, enfim, se relacionam. Balzac se propõe na sua ‘*Comédia*’ a relatar os costumes e os modos de vida de seus contemporâneos, a fazer um inventário social e histórico da França no século XIX.

ⁱⁱ De acordo com Laplanche e Pontalis (1988) “o termo libido significa, em latim vontade, desejo” (p. 343). Expressão tirada da teoria da afetividade, a libido é a energia das pulsões, tudo o que está relacionado ao amor. Em relação à palavra desejo (*wunsch*), refere-se ao que é almejado (mais distante e idealizado), sendo as palavras vontade e querer reservadas para o desejo mais imediato. Desejo significa: pedido, voto formulado, sonho, algo almejado, o que se quer, ideal (Hanns, 1996).

A autora:

Elzilaine Domingues Mendes é Psicóloga Clínica, Professora Adjunta da Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão, Doutora pela Universidade de Brasília, com Estágio Doutoral na Université Lyon 2. Endereço: Av. Doutor Lamartine Pinto de Avelar, 1.120, Setor Universitário, CEP: 75.704-020 - CATALÃO – GO, e.mail: prof.elzilaine@gmail.com

Recebido em: 02/02/2015

Aprovado em: 31/08/2015